

JUVENTUDE(S) E HIP HOP EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

BONFANTI, Bóris X.¹, VOSS, Dulce M. da S.²

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil¹

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil²

RESUMO

Esse texto apresenta parte de uma pesquisa qualitativa feita com jovens que compõem o grupo *The Manifest* da cidade de Bagé, onde foi investigada as falas desses sujeitos quanto as mudanças ocorridas nas configurações do *Hip Hop*. Percebe-se que a globalização exerce influência sobre os movimentos e a cultura *Hip Hop*, tanto no sentido de capturar esses grupos para fortalecer o mercado de consumo, quanto possibilita a mobilidade da informação e a interlocução entre os grupos que praticam essa arte.

Palavras-chave: juventude; *Hip Hop*; discursos.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, os movimentos *Hip Hop* tem como característica diversos modos de expressão e militância dos jovens de periferias de centro urbanos que denunciavam a exclusão social. Nos últimos anos da década de 1960, o *Hip Hop* unia as práticas culturais dos jovens negros e latino-americanos nos guetos e ruas das grandes cidades. E, na década de 70, fortaleceu-se nas áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas da cidade de Nova Iorque. Esse estilo musical conta com quatro elementos essenciais: o *rap*, o *DJ*, a *breakdance* e o *graffiti*. Outros elementos culturais que caracterizam esses grupos são as vestimentas e as gírias (OLIVEIRA, 2009).

No Brasil o *Hip Hop* surgiu no final de década de oitenta. O ritmo musical chamado *Rap* tornou-se para os jovens das periferias urbanas um meio fecundo para mobilização e conscientização dos problemas sociais existentes. Era um modo de manifestar tudo aquilo que afetava as comunidades. Muitos grupos de *rappers* foram criados, ocupando um espaço de articulação e atuação no campo social, para reivindicar o direito de ser cidadão, participar do mercado de trabalho e lutar pacificamente contra a violência e a discriminação.

Contudo, mudanças significativas na conjuntura social e cultural contemporânea são criadas pelos processos de globalização econômica que reconfiguram os movimentos sociais.

Num momento histórico que o tempo parece cada vez mais curto pelo excesso de possibilidade de consumo, lazer e divertimento ao nosso redor, parece que é meio conveniente aceitar algumas ideias como regimes de verdade sem ao menos questionar.

Logo, os Movimentos *Hip Hop* também fazem parte dos processos de globalização do mercado e são afetados pela fluidez de informações e comunicação.

¹ Graduado em Licenciatura em Matemática e Especialista em Educação e Diversidade Cultural pela Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé.

² Doutora em Educação e Professora da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé.

O mercado também busca criar uma cultura *Hip Hop*, produzindo roupas, acessórios, CDs e DVDs, financiando grupos e ganhando muito dinheiro com isso.

É inegável que, os movimentos sociais são afetados pelo mercado que visa produzir uma cultura de consumo, mas, ao mesmo tempo, a circulação pelo mundo de informações amplia as possibilidades de existência e inter-relação de práticas culturais que acabam por tornarem-se plurais, o que se pode observar na mistura de estilos artísticos, musicais, línguas, linguagens corporais, idiomas e outros artefatos contemporâneos. Creio que os movimentos sociais se constituem de formas múltiplas e contraditórias, por isso falo em Movimentos *Hip Hop* e juventudes, no plural.

2 METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)

Para realizar a reflexão sobre as reconfigurações dos movimentos *Hip Hop* na contemporaneidade, optei por realizar uma pesquisa qualitativa com integrantes do grupo o *The Manifest* da cidade de Bagé-RS, por meio de entrevistas nas quais investiguei sobre suas práticas discursivas e não discursivas enquanto sujeitos que participam desta arte.

Adotei a perspectiva metodológica de análise do discurso, na qual é preciso se desprender do esperado, daquilo que, muitas vezes, parece óbvio. Enxergar as palavras e as coisas como raras e únicas. Fugir de determinados discursos dados como verdades produzidas pelas práticas discursivas e não-discursivas (FISCHER, 2003).

Trago neste texto uma parte da pesquisa desenvolvida, dando ênfase as análises dos discursos dos sujeitos que se referem a mudanças causadas no *Hip Hop* no contexto da globalização.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No discurso econômico capitalista, a juventude é uma fase da vida marcada por processos de definição e inserção social, é o momento da escolha profissional, de ingresso no mercado de trabalho, de participar de espaços de lazer, antes não permitidos, de consumir determinados tipos de produtos, de responsabilizar-se pela organização do seu dinheiro etc. Neste momento, também, o/a jovem começa a ser visto/a como membro economicamente ativo da sociedade e que pode contribuir com o mercado.

Também, no discurso capitalista, ser jovem simboliza vigor e beleza física, coisas que com o passar do tempo perdemos. Assim o jovem se torna um modelo cultural a ser seguido. Essa visão é muito utilizada pelas mídias que incentivam as pessoas a manterem-se jovens, consumindo vários produtos e a fazerem cirurgias para ficarem mais parecidas com os modelos esculturais de corpos que são mostrados diariamente como padrões estéticos. Assim, o jovem também se torna um símbolo de consumo.

Por outro lado, a juventude também é entendida como sinônimo de crise demonstrada através de conflitos e rebeldia, estando mais vulnerável pela sua instabilidade emocional e transição identitária ao uso de drogas, mortes no trânsito, violência, entre outros.

O que há de regularidade entre esses diferentes discursos é a ideia de que a juventude é considerada uma fase de transição de identidade que, com o passar do tempo, será resolvida com a maturidade. Essa crise é um processo em busca de uma identidade fixa de estabilidade social e emocional ajustada a ordem social e cultural

estabelecida e que, para isso, os jovens teriam que conquistar determinados atributos ao longo da vida.

Analisando esses discursos, percebemos que eles produzem verdades sobre os jovens, colocando-os em posições fechadas e antagônicas: potencial produtivo para o mercado e rebeldes na vida social e política.

Para Bourdieu (1984, p.152), “[...] juventude e velhice não são dadas, mas construídas socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas”.

Portanto, juventude é uma construção discursiva, cultural e social muito diversificada que não pode ser definida isoladamente, mas a partir de suas múltiplas relações e contextos sociais. Nesse sentido, pensar a juventude é pensar sobre condições de gênero, raça, classe social, moradia e pertencimento. E, o principal, contextualizá-la historicamente, como integrante de uma geração específica que se relaciona com outras gerações. Por isso, como já tem sido bastante reiterado pelos especialistas, não é possível falar no jovem atual, mas nos diferentes modos de vivenciar as juventudes na contemporaneidade.

Melucci (2007) também contribui para pensar sobre juventudes na contemporaneidade. Para ele existe uma sequência temporal no curso da vida cuja maturação biológica faz emergir determinadas potencialidades. Uma sequência temporal não precisa ser linear, apagando a anterior e eliminando as fases precedentes. O desenvolvimento é algo contínuo e as mudanças e transformações são características estáveis na vida juvenil. Portanto, na sociedade contemporânea, a juventude não é mais somente uma condição biológica, mas uma definição cultural.

Segundo Melucci (2007), viemos de um modelo de sociedade, o capitalismo industrial, no qual o tempo era mecânico, um tempo artificial medido pela máquina (relógio, por exemplo), não subjetivo e natural e sempre direcionado para um fim, como a riqueza, progresso, salvação, etc.

Mas, no momento atual, podemos perceber que o tempo de nossas experiências pessoais é muito diferente do tempo da máquina. E com essa grande quantidade de possibilidades de tempos (televisão, *internet*, propagandas, redes sociais) que recebemos diariamente, vivemos em tempos diferentes. Obvio que diferentes experiências temporais não é nenhuma novidade, porém, na abrangência que temos hoje, as experiências subjetivas em relação à juventude se tornam diferentes ao passado. As indústrias da globalização praticamente acabaram com o tempo natural do dia e noite, vivemos num mundo que sempre há novas possibilidades a qualquer hora do dia.

Embasado nas teorias foucaultianas, entendo que há uma pluralidade de juventudes possíveis de serem vividas como condição histórico-cultural, modos de subjetivação que constituem identidades e diferenças não fixas, mas móveis, transitórias, instáveis. E, toda constituição identitária deve ser analisada em suas diferentes dimensões – materiais, políticas, históricas, culturais – já que estas acarretam modos particulares de compreender as juventudes e os modos de vivê-las. Ou seja, falar em juventude é falar de uma variedade muito grande de modos de vida num mundo globalizado repleto de fatores que tornam esse conceito dinâmico. No século XX, principalmente em sua segunda metade, produzem-se novos discursos nos quais:

A juventude contemporânea se caracteriza muito pela pluralidade de expressões, pela flexibilidade e mobilidade de suas trajetórias, pela fluidez e

abertura do sentido que constroem suas próprias vidas. Fixados mais no tempo presente, não mais esperam “colher os frutos” no futuro ou confiar nas promessas do passado. Produzem suas experiências cotidianas, novos modos de ser e estar na sociedade, ampliando suas significações e práticas e (re)significando aquilo que nomeamos juventude. (AMARAL, 2015, p.42)

Partindo dessa perspectiva de análise, procurei pautar o estudo que fiz do Grupo *Hip Hop The Manifest*, como um grupo que constitui sua identidade coletiva e as dos sujeitos que o integram na singularidade, mas cujas práticas discursivas e não-discursivas estão permeadas pelas contingências históricas locais e globais.

As identidades dos grupos *Hip Hop* produzidas na contemporaneidade estão circunstanciadas pela globalização do mercado capitalista e da cultura de massas que visam criar modismos. Assim, as diferenças culturais são capturadas e padronizadas para favorecer a lógica do consumo (BAUMAN, 1999). Tal constatação é feita na fala dos entrevistados:

Hoje o *Hip Hop* não é mais o mesmo de antes, tá muito “modinha”, como a gente fala lá no grupo, muito “modinha”, às vezes a gente vai pra um festival, aí a gente já vê que, não é mais o *Hip Hop* de antigamente, tipo, mais dança, hoje, é mais, como é que eu posso te explicar, ah sei lá, tipo, as pessoas não dançam mais, tipo, na pegada, não tem mais aquela vontade, eles vão pra o festival pra aparecer mesmo, por causa de nome ou alguma coisa assim (Paulinho).

Alguns dos sujeitos entrevistados manifestam a necessidade de manter determinadas características históricas do *Hip Hop* sem negar as possibilidades de disseminação dessas práticas culturais e de ampliação das informações e recursos tecnológicos trazidos com a globalização e que beneficiam os grupos, ao relatarem:

Ahhh, tipo os guris mesmo, hoje eles estão mais, tem mais coisa na internet, hoje tá mais fácil de conseguir música, e aula a gente vê pela internet, tem contato com pessoas de outros países né, a gente consegue expandir assim, e o *Hip Hop* hoje, claro antigamente era mais quem gostava mesmo sabe, e o hoje assim ele tá, ele tá bastante, bem universal todo mundo gosta e tal, mas ainda tem ah, a gente sente ainda uma falta daquela coisa do *Hip Hop* de raiz, as músicas, a gente sente a diferença, tem a, claro tem as coisas assim que são assim meio moda, que aí foge um pouco da cultura *Hip Hop* original, assim sabe, e o propósito do *The Manifest*, que, é seguir, levar o *Hip Hop* tradicional, é.. o *Breack*, levar essas coisas, manter sabe, ahh... manter essas raízes, porque o *The Manifest* surgiu na época, Bagé não conhecia isso, e *The Manifest* trouxe isso pra Bagé, e a gente quer se adaptar ao mundo de hoje, mas sem esquecer das nossas raízes, então é isso, tipo, e eu, e eu tô nessa caminhada junto, pra... levar, que acredito que através da arte, da dança a gente consegue mudar muita coisa. (Ana).

Logo, os discursos dos sujeitos pesquisados apresentam uma regularidade no que tange a defender a ideia de manter viva determinadas características históricas da cultura *Hip Hop*. As discontinuidades discursivas aparecem na discordância quanto à visão benéfica ou não dos efeitos da globalização sobre os movimentos e a cultura *Hip Hop*.

4 CONCLUSÃO

As discontinuidades nas práticas discursivas manifestadas pelos sujeitos entrevistados em torno da produção de regimes de verdade atribuídos ao *Hip Hop* indicam um processo de hibridização cultural.

O processo de hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas. A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. (SILVA, 2000, p. 86)

A produção identitária dos sujeitos e grupos *Hip Hop*, a partir dos discursos analisados, aponta para um jogo de relações de poder e saber no qual a disputa se dá pela legitimação de um regime de verdade que oscila entre manter o *Hip Hop* com certas características históricas do movimento e incorporar mudanças para aumentar a visibilidade e projeção dessa cultura renovada, como um estilo artístico e musical que se expande para além dos tempos e espaços tradicionais.

5 REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcio. Jovens de periferia e arte de construir a si mesmo: experiência de amizade, dança e morte. **Tese de Doutorado**. Porto Alegre, 2015.
- BAUMANN, Zigmund. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BORDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal, LDA, 2003.
- FISCHER, Rosa. **Foucault revoluciona a pesquisa em educação?**. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/9717/8984>>
- Acesso em: 24.de abril de 2017.
- MELUCCI, Alberto. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina. **Juventude e Contemporaneidade**. Coleção Educação para todos. Brasília: 2007, p. 29 – 43.
- OLIVEIRA, Elisete. In: CAVALCANTE, Márcia; SOUZA, Rui. *Hip Hop*: Uma experiência cultural na escola. **Revista Mundo Jovem**, 2009, p. 61 – 69.
- SILVA, Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. 2000. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep403/a_producao_social_da.htm>
- Acesso em: 12 de março de 2017.